



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15793 - Painel Temático - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

Painel Temático

A CARTOGRAFIA COM A INFÂNCIA E OS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sammy William Lopes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Ana Paula Patrocínio Holzmeister - UNIVERSIDADE DE VILA VELHA

Fernanda Binda Alves Touret - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

A cartografia com a infância e os currículos da educação infantil

O interesse das pesquisas acadêmicas acerca do currículo da Educação Infantil e suas singularidades práticas e conceituais se acentuaram desde os movimentos de luta pela inserção das crianças de zero a cinco anos de idade na escola pública (universalização da Educação Infantil) - e, por consequência, a partir dos movimentos de luta pela inclusão da educação infantil em nível da Educação Básica. Movimentos estes que desembocaram na promulgação do Parecer CNE/CEB Nº 20/2009 e da Resolução Nº 5 DE 17 de dezembro de 2009 (Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Infantil); os quais elaboraram propostas curriculares alinhadas aos desenvolvimentos teórico-práticos mais progressistas em curso na produção acadêmica disponível à época.

Assim, em decorrência das inovações propostas pelas referidas orientações, adveio também a demanda por saber como traduzir as ditas singularidades teórico-práticas em propostas efetivas para a formação inicial e continuada de educadores.

De modo adicional, a terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) ancorada, pretensamente, na necessidade de interpretação das singularidades prático-conceituais recomendadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), acabou por agregar mais polêmica à discussão acerca do sentido do currículo na educação infantil ao traduzir as DCNEIs, de modo equivocado e tendencioso, sob a forma de um currículo organizado por competências e colonizar a noção de *experiência* e de *participação*, reduzindo-as à forma prescritiva dos polêmicos campos de experiência.

No contexto do desenvolvimento dessa acirrada discussão, este texto tem como

objetivo destacar uma modalidade especial de pesquisa concebida pela base teórico-política e epistemológica da filosofia da diferença, formalmente conhecida como *pesquisa cartográfica*. Isto em função de tentar afirmar uma postura investigativa sobre os currículos da educação infantil mais potente e melhor comprometida politicamente com o espírito do texto das DCNEIs (2009), seriamente desvirtuado pela BNCC (2018).

Busca-se com isso, contribuir para a produção de pesquisas no campo do currículo da educação infantil aptas a participar mais ativa e diferencialmente do diagrama de forças no qual o sentido da educação da infância, do currículo e da docência encontra-se sob disputa na contemporaneidade.

Nestes termos, o trabalho afirma o currículo da educação infantil enquanto movimento coletivo e singular de produção do ato de educar, o qual se determina sob forte influência da potência de diferenciação do corpo infante.

A cartografia com a infância diz respeito, portanto, à uma modalidade de pesquisa que busca acompanhar os artifícios desiguais por meio dos quais os currículos brincantes da educação infantil são tramados com a participação da infância; buscando mapear e afirmar a potência dos distintos vetores de desejo-pensamento que desabrocham e se exercem politicamente no processo de produção dos referidos currículos.

Nestes termos, problematizamos... Por que e como a singularidade dos modos de produção de subjetividades - impressos pelo corpo infante no movimento de constituição dos currículos da educação infantil - tendem a exigir a criação de artifícios diferenciados de acompanhamento para a pesquisa cartográfica? Como tais singularidades afetam também os modos usuais pelos quais concebemos a própria noção de currículo, docência e educação? Ou, em outras palavras... Se o movimento de constituição dos currículos da educação infantil ocorre sob forte influência da potência de diferenciação do ser da infância... como tal influência se manifesta e efetua-se sobre a pesquisa cartográfica que se debruça sobre tais currículos?

Para embasar conceitualmente a produção dessa escrita sobre a necessidade e possibilidade de se pensar a especificidade de uma cartografia com a infância no contexto das pesquisas que desdobram-se sobre os currículos da educação infantil, traçaremos um plano de relações entre os conceitos de corpo, afeto, encontro, experiência, brincadeira e infância; utilizando-nos, sobretudo, da leitura Deleuzeana de Spinoza, do enfoque cartográfico de Erin Manning (ao demonstrar como o enlace ético-estético se efetua em nível micropolítico) e do trabalho característico de Suely Rolnik e Felix Guattari acerca da cartografia do desejo.

Disso resulta nossa aposta na potência político-epistemológica de uma cartografia com a infância que se desenhe - não desde a demanda técnico-científica por verdades absolutas (manifesta nos procedimentos peritos e sistemáticos de coleta e interpretação lógico-racional de dados empíricos); mas que se esboce, sim, enquanto uma modalidade de experimentação pesquisadora causada desde os afetos ou intensidades sensíveis que atravessam o corpo do

cartógrafo nos encontros que delinea com as singularidades tecidas pelas infâncias no fluxo do movimento curricular.

De tal modo, concluímos que - agenciada desde as referidas causas (afetivas, sensíveis, desejanter e intelectuais) - a experimentação pesquisadora cartográfica pode se dedicar a tecer interpretações mais adequadas e criadoras sobre as inovações teórico-práticas propostas pelas DCNEIs (2009). Isso, em função de abrir-se politicamente à potência de diferenciação do ser da infância e à sua força educadora, as quais se efetuam na processo brincante de produção dos currículos da educação infantil.

Palavras-chave: Infâncias; pesquisa cartográfica, currículos.]

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 05/2009. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº: 20/2009**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular** - Consulta Pública. Brasília: MEC, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: https://www.academia.edu/15252804/El_abecedario_de_Gilles_Deleuze. Acesso em: 30 out. 2022.

DELEUZE. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. de Daniel Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. Vincennes, 1979-1981.

LECLERCQ, S. Deleuze e os Bebês. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25913>. Acesso em: 20 abr. 2024.

LOPES, Sammy W. **O Currículo, a Infância e o Tempo**. In: Currículos e Artistagens: Ética e estética para uma educação inventiva. Curitiba: CRV, 2022.

MERÇON, Juliana. **Aprendizado Ético-Afetivo: uma leitura Spinozana da Educação**. Editora Alínea, 2009.

MANNING, Erin. **Políticas do toque: Sentidos, movimento e soberania**. Trad. Bianca Seliar Cabral. São Paulo: GLAC edições, 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental - Transformações Contemporâneas Do Desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução e notas por Tomaz Tadeu. Edição bilíngue: Belo Horizonte:

DEVIR-BRINCANTE: CARTOGRAFIA DE LINHAS DE APRENDIZAGENS CRIANCEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este ensaio pretende acompanhar as linhas de fuga traçadas pelos devires-brincantes no acontecimento do encontro entre os corpos, os quais liberam o pensamento para experimentar a aprendizagem como uma criação curricular crianceira na Educação Infantil. A partir da problematização: Quais as potências educadoras que o devir-brincante libera para os movimentos diferenciais de produção dos currículos da Educação Infantil? Busca-se desenhar cartograficamente as linhas de fuga estendidas pelos devires brincantes, o modo como as crianças enunciam esse acontecimento de um sentido diferencial na relação com o mundo e, a emergência de outros mundos a habitar.

Nesta direção, opera-se metodologicamente com a cartografia evidenciando as especificidades investigativas das pesquisas com as crianças e os modos como tais singularidades podem produzir outros sentidos para o ato artistar à docência e para o próprio movimento curricular. Orienta-se a partir das produções conceituais de Erin Mannig, da *aprendizagem inventiva* proposta por Deleuze, Micropolítica proposta por Suely Rolnik e Félix Guattari e a Ética, de Spinoza.

Argumenta-se que o currículo da Educação Infantil se desenvolve pelo conceito de experiência, conceituado aqui como um lançar-se ao mundo, abrir-se a diferenciação de si. Isso se dá por meio de alianças, conexões, choques entre os corpos em movimento, os quais produzem afeções que permitem (quando experimentadas por alegrias) alçar um conhecimento mais complexo e elaborado, que se refere ao conhecimento do segundo gênero em Spinoza. Dedicar-se, pois, a acompanhar as linhas desejantes traçadas nos currículos da Educação Infantil rascunhadas por um devir brincante que se configura no encontro entre corpos em movimento.

Acompanhamento aqui, que se efetiva por um *gesto menor*, menor apostar na Micropolítica. Aposta-se que, ao acompanhar as linhas de fuga desprendidas de devires-brincantes, seguindo suas *errâncias, as quais, produzem* desestabilizações dos padrões das estruturas estáveis pelos movimentos diferenciais que os corpos em composição instauram, abrindo possíveis para outros currículos que emanam dessas experiências brincantes, produzindo outras formas/fluxos de aprendizagens.

Devir-brincante que acontece a partir da emergência de signos no acaso dos encontros, os quais, movimentam as ações, as sensações e o pensamento em direção a um processo investigativo sem direção. Guiados por uma perspectiva ético-estético-política a qual busca criar canais para efetuação da potência emanadas desses devires. De modo que ao seguir cartograficamente as linhas desejantes dos devires-brincantes dos corpos que acontecem em um Centro de Educação Infantil nota-se a emergência corpórea de *crianceiros*. Corpos que, nas andanças brincantes são afetados por signos que movimentam o pensamento desencadeando uma investigação afetiva em relação às ancestralidades presentes na sua composição corpórea fazendo-as reverberar a atualização de uma relação sensível com a aprendizagem e a vida por forças dos signos de arte que encontram em suas andanças investigativas.

Em composição, crianças e professoras, em seus exercícios brincantes passam a produzir a potência de pensar-agir-sentir-criar currículos. Corpos que em seus atos seguem linhas rústicas desdobram muitos fios fazendo nascer um território maloca-brincante. Atentos ao movimento de produção corpos compõem com uma câmera para tocar em uma vida que passa por entre folhas, frestas e galhos. Corpos impulsionados pelos movimentos de viventes

que invisivelmente habitam essas frestas, sentem-se tocados/afetados por eles. Por força das afecções experimentadas no corpo, o qual atravessado por tal diferença, desterritorializa-se; experimentando um devir-brincante que passa a movimentar aprendizagens afetivas. Por efeito, criancieiros em devir criam fabulações para expressar um acontecimento corpóreo inusitado: *um felino que nasceu de um corpo indígena em Mato Grosso*.

No traçado dessas linhas fabulatórias expressam as sensações e os sentidos elaborados nos encontros-afecções, que acontecem por fluxos descontínuos que não se encerram em um corpo, os quais pelo toque, vão desdobrando movimentos estendidos por outro sem necessariamente por meio de uma comunicação verbal. Linhas desejanter estendem-se e encontram com Leminsky explorando a matéria-forma-fluxo-barro o *barro toma a forma que você quer* e, nos provoca a pensar que ao ser tocado *toma a forma que ele quer*; lançando-nos a experimentação de um pensamento-linguagem que expressa a relação de composição entre corpos-fluxos-matérias que introduzem modulações subjetivas nos processos aprendentes, instaurando percursos inusitados, inantecipáveis e imprevisíveis.

Lutas, festejos e rituais impulsionam a produção de traços, linhas, círculos que se expandem pelos corpos: sobem e descem pelas pernas, braços, dorso, rostos – tocando sensivelmente o corpo-pensamento que passa a vibrar afirmativamente tal diferença que ora o atravessa. Pigmentos extraídos de jenipapos rasuram as linhas institucionais rascunhando currículos-experiências.

A força política-ética-estética de acompanhamento dessas linhas desejanter que se rascunha nesse ensaio se coloca nas potências que modos singulares de criar-sentir-pensar instaura agenciamentos por forças-corpos-fluxos que desejam expressar um currículo-experiência afirmando devires-brincantes e as artistagens *crianceiras que experimentam* aprendizagens inventivas. Experimentam uma criação que acontece por força de devires-brincantes potencializando a expressividade dos corpos em movimento de expansão, liberam o currículo de uma prescrição a priori, lançando-se a aventura do encontro com matérias expressivas que movimentam o pensamento educativo liberando-os à produção diferencial de currículos na Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: cartografias; devir-brincante; currículo.

REFERÊNCIAS

DELEUZE. Cursos sobre Spinoza. Vincennes, 1979-1981.

LEMINSKY. Paulo. Caprichos e Relaxos. São Paula: Companhia das Letras, 1983.

MANNING Erin. Em direção a uma política da imediação. 2023. Disponível em <https://www.glacedicoes.com/post/em-direcao-a-uma-politica-da-imediacao-erin-manning>. Acesso em 15 de julho de 2023.

BEBÊS: E... E... E...

O texto trata do recorte inicial de uma pesquisa de doutorado, realizada com bebês um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). Nessa composição, utilizamos a cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), como aporte metodológico para acompanhar encontros em meio a mapas abertos. Caminhamos junto a currículos que deambulam ou engatinham com os bebês e se entrelaçam aos seus movimentos de subjetivação, permeados por pré-individualidades e processos de individuação.

Por meio desse escape o conceito de bebê extrapola fronteiras etárias ou comportamentais para sacudir e desarraigá-lo o verbo ser que, porventura, possa vir a tentar encapsulá-lo em contingências categorizadas por marcadores como: “ainda não andam”, “ainda mamam”, “ainda não falam”, entre outros.

Krenak (2019), problematiza em sua obra sobre a ótica hegemônica europeia e a ideia de colonizar o mundo fora de seu casulo-universo, sustentado pela premissa equivocada de que uma humanidade supostamente esclarecida tem a missão de ir ao encontro de uma humanidade obscurecida, trazendo-a para uma “luz incrível”. Uma espécie de chamado para a “civilização”, justificado pela ideia de que existe um modo de estar no planeta Terra. E o que isso tem a ver com os bebês?!

Esse modo civilizatório permeia os bebês pelo que chamamos de “educar” por uma visão hegemônica na qual eles precisam “aprender” modos tidos como padrões para se portar e desenvolver “habilidades”. Podemos pensar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Ministério da Educação, 2018) como tentativa de homogeneizar um território de vida dos bebês, que fazem parte da Educação Básica, quando enumera em seu texto introdutório “competências” a serem alcançadas, como sendo o certo modo de habitar a Terra na Educação Infantil e desse modo tenta enrijecer currículos brincantes.

Essa problematização nos faz pensar em inúmeras possibilidades nas quais os bebês podem se expandir em modos diversos, para além do “justificado pela noção de que existe um jeito certo de estar aqui na Terra, uma certa verdade [...]” (Krenak, 2019, p. 11), ou por meio de um currículo endurecido a ser seguido, para se abrir aos bebês em um território infantil no qual não há ponto final a se alcançar. Há outros tantos modos de fazer currículos e explodir a busca colonizadora das infâncias em uma revoada para além de um horizonte tido como “ideal”.

Eis então que, no CMEI, um pequeno grupo de bebês se ajunta na sala todos os fins de tarde para fazerem danças brincantes ao Sol (Figura 1). Entre rodopios e balbucios, eles movimentam seus corpos de modo a entrarem em relação num encontro expansivo, que transita por instâncias entre pré-individualidades e movimentos que bailam processos de individuação. O que pode um corpo entre danças ao Sol?

Figura 1 – Encontros ao Sol



Fonte: Acervo da autora.

Lançamo-nos a pensar os bebês por seus movimentos pré-individuais e processos de individuação. Eles “ainda não falam ou não andam”, mas se comunicam e vivenciam a dança entre corpos coletivos que se encontram em cartografias indômitas. Desse modo, Simondon (2003) nos faz problematizar acerca de uma dimensão pré-individual que enreda o devir. Podemos pensar o bebê como o devir, em que os movimentos de subjetivação perpassam pré-individualidades que potencializam os processos de individuação.

Diferentemente de um Ser em que as fases se encontram segmentadas, o bebê-devir não se define por um Ser em si, mas por uma dimensão do Ser repleta de potencialidades. Nesse encontro, ecoamos um bebê-devir em seus movimentos corpóreos a percorrer currículos errantes, em que escapa das referidas “competências” para fazer vazar currículos brincantes.

Spinoza (2009) afirma que não sabemos a potência de um corpo, “até que ele faça alguma coisa a outro ou até que outro lhe faça alguma coisa” (Tadeu, 2002, p. 54). Com esse corpo-bebê, experimentamos a potência no encontro para transitar errâncias entre as tentativas de “estratificação e a experimentação. O corpo nunca se conforma em ficar parado: precisa tornar-se” (Manning, 2023, p. 210).

Desse modo, os encontros com os bebês ao Sol atravessam currículos que deambulam, vagueando à procura despreziosa do que está por vir. A cada encontro uma cartografia que baila de modo diferente e sombras projetam-se em direção ao inédito.

Enunciamos um mundo como território daquilo que não está dado, portanto, afirmamos uma multiplicidade em nome de um conceito que os expanda, que violente o pensamento daqueles que se afoitam em defini-los uniformemente.

Então, quem são os bebês? Uma questão que pretendemos não responder. Não ao menos em modos endurecidos, visto que eles transitam em pré-individualidades não lineares

e se lançam a processos de individuação fluidos. Portanto, evidenciamos nossa aposta por um plano pré-individual dos bebês, que perpassa processos a transitar por indiferenciações para outros modos em que tangem a individuação em meio aos movimentos curriculares cotidianos.

Palavras-chave: Bebês. Educação Infantil. Processos de Individuação. Currículos. Cartografia.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MANNIG, Erin. **Políticas do toque: sentidos, movimento e soberania**. São Paulo: GLAC edições, 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana de (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SIMONDON, Gilbert. A gênese do indivíduo. In: PELBART, Peter Pál.; COSTA, Rogério da. (Orgs.) **Cadernos de Subjetividade: o reencantamento do concreto**. Tradução de Ivana Medeiros. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 97-117.

SIMONDON, Gilbert. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. Tradução de Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Autêntica: Belo Horizonte, 2009.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza + currículo + Deleuze. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002. Disponível em: 125 <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25915>. Acesso em: 21 jun. 2024.

A CARTOGRAFIA COM A INFÂNCIA: ENTRE O TEÓRICO E O EMPÍRICO, O QUE SE PASSA?

Este trabalho visa acompanhar os desenvolvimentos das linhas de vida traçadas pelos modos de subjetivação que se desenrolam nos movimentos de produção dos currículos da educação infantil. De forma que tais currículos passam a se configurar, potencialmente, como verdadeiros planos de constituição para o devir de estilos singulares de educar, tecer docências e artifícios diferenciais de aprendizagem.

A investigação se orienta pelo propósito de acompanhar os processos de enunciação acerca dos movimentos curriculares tecidos no chão da escola pelas professoras e seus educandos; utilizando-se sobretudo de estratégias de interação (discursiva e não-discursiva)

que colocam em jogo... Como se constituem, se desfazem e se refazem os territórios existenciais (éticos, estéticos, políticos) rabiscados no fluxo de produção das relações educadoras, destacadamente, quando tais movimentos se permitem acolher a potência de diferenciação do ser da infância sob certa condição de *centralidade*?

Dessa maneira, faz-se uso, sobretudo, de insídias metodológicas associadas ao recurso d a *conversa* e do acompanhamento do desdobramento dos artifícios brincantes que constituem os movimentos curriculares. Considerando-se que estes podem expressar a própria mundanidade, ou seja, os modos por meio dos quais os acontecimentos subjetivos, constitutivos do ser-no-mundo, conseguem ganhar uma forma efetiva de manifestação no processo educador.

Tomadas desde tal ponto de vista, a brincadeira e a conversa tendem a se apresentar enquanto forças expressivas, produtoras em potência de estilos fabulantes de atribuição de sentido acerca das experiências educadoras em tessitura com a infância, tornando legíveis formas singulares de experimentação-enunciação dos encontros infância-mundo promovidos pelos currículos, bem como estilos diferenciais de constituição de problemas e modos de resolução.

Sob a perspectiva cartográfica - baseando-se em Deleuze e Guattari (1992), Suely Rolnik (2004) e Erin Manning (2023) - o presente trabalho compreende que as narrativas que ganham corpo na conversa não se determinam, exclusivamente, com base na tentativa de se proceder um resgate objetivista do passado, ou seja, conforme o uso instrumental de uma memória seletiva e fotográfica.

De modo mais decisivo, as ditas narrativas se apresentam como tentativas de produção de sentido que se conformam sob influência de uma multiplicidade de forças desejanças, sensivelmente determinadas. De forma que tal modalidade intensiva de narrativa só pode constituir uma imagem do passado o reconfigurando, necessariamente. Isto é, conforme a natureza fortuita, aleatória e contingente de uma combinação de componentes subjetivos que desencadeiam e fazem expandir uma modalidade afetiva de memória.

Neste contexto, conclui-se que o movimento da pesquisa cartográfica se traça tanto para (1) acompanhar as artimanhas artísticas estendidas pelas professoras e seus educandos em função de esboçar novas sensibilidades, compreensões e estilos de enunciação acerca do problema da educação, do currículo e do sentido da profissão docente; quanto para (2) causar a intercessão das diferentes narrativas pronunciadas, viabilizando uma avaliação comunitária acerca das suas potências e impotências educadoras. De modo que a pesquisa cartográfica se auto constitui, também e necessariamente, como certa modalidade de processo de formação.

Palavras-chave: Infância, currículo, cartografia.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação

Básica. Resolução CNE/CEB 05/2009. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº: 20/2009**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular** - Consulta Pública. Brasília: MEC, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em:

https://www.academia.edu/15252804/El_abecedario_de_Gilles_Deleuze. Acesso em: 30 out. 2022.

DELEUZE. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. de Daniel Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. Vincennes, 1979-1981.

LOPES, sammy william, & MAGALHÃES CARVALHO, janete. (2024). Os currículos da educação infantil e o problema da participação. *Childhood & Philosophy*, 20, 01–20. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2024.83325>.

LOPES, Sammy W. **O Currículo, a Infância e o Tempo**. In: Currículos e Artistagens: Ética e estética para uma educação inventiva. Curitiba: CRV, 2022.

MERÇON, Juliana. **Aprendizado Ético-Afetivo: uma leitura Spinozana da Educação**. Editora Alínea, 2009.

MANNING, Erin. **Políticas do toque: Sentidos, movimento e soberania**. Trad. Bianca Scliar Cabral. São Paulo: GLAC edições, 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental - Transformações Contemporâneas Do Desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução e notas por Tomaz Tadeu. Edição bilingue: Belo Horizonte: Autêntica, 2008.